

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

MARÇO / ABRIL 2015



anos

1919-2014

INHOTIM: UM PARAÍSO FEITO POR DEUS E OS HOMENS

Pág. 10 e 11

A História da escadaria do Pico da Tijuca Pág. 5 a 7

Cochamó, o Yosemite da América Latina Pág. 8 e 9

**Aconcágua- A epopeia de uma
tentativa malograda** Pág. 12 a 14

**Caminhando à sombra do vulcão
numa terra em transformação** Pág. 15 a 17





*Descontos não acumulativos e mediante a comprovação de afiliação ao clube.

**10 % DE DESCONTO PARA SÓCIOS
DE TODOS OS CLUBES DE MONTANHA.***

MAKALUSPORTS.COM.BR



VENHA CONHECER NOSSOS PRODUTOS
DE MARCA PRÓPRIA.

NOSSOS ENDEREÇOS:

MAKALU CENTRO

Av. Rio Branco nº 50 - Sobreloja
Centro - Rio de Janeiro - RJ.
Tel.: 21-3174-2515 \ 21-3174-2526

MAKALU TIJUCA

Rua Conde de Bonfim, 346 loja 208
Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 21-2567-0720 \ 21-3507-9891

SEGUNDA SEMANA BRASILEIRA DE MONTANHISMO



Vejam a programação da 2ª semana Brasileira de Montanhismo, organizada pela FEMERJ:

Abertura da Temporada de Montanhismo, dias 2 e 3 de maio, com a participação do CEB e os outros clubes de montanhismo do Rio de Janeiro, além de federações e clubes de outros estados.

Campeonato Brasileiro de Escalada – Etapa 450 anos do Rio, dias 1, 2 e 3 de maio. O campeonato será feito na modalidade boulder em muro artificial a ser construído na Praça General Tibúrcio. A inscrição será aberta a atletas de todo o Brasil.

Cine Montanha na Praça e Festival "Rio nas Montanhas" de curta metragem, dias 1 e 2 de maio, com a exibição gratuita de filmes de montanha, numa tela inflável de 12 metros de largura e 9 metros de altura, com sistema de projeção digital e cadeiras para 300 espectadores. Esse ano, excepcionalmente, o evento abrirá inscrições para um festival de filmes de curta metragem. Os filmes deverão, em até 10 minutos de duração, exaltar a relação da cidade com suas montanhas, com foco em esporte, história e cultura de vida outdoor.

Exposição "Rio nas Montanhas" dias 1, 2 e 3 de maio, destacando a interação do homem com o meio ambiente na cidade do Rio de Janeiro. A exposição mostrará aspectos históricos, esportivos, culturais e geológicos das montanhas do Rio. Depois da semana de montanhismo, a exposição será transferida para o Museu da

Geodiversidade da UFRJ, onde permanecerá durante 60 dias.

Workshops e Oficinas de Segurança em Escalada, nos dias 1, 2 e 3 de maio, na Praça General Tibúrcio e arredores.

- **Oficina de Montanhismo Social:**

Público alvo: novos praticantes, em especial jovens visando a formação de uma consciência sobre o esporte e público.

Atividades: caminhadas interpretativas ao Morro da Urca, clínica de escalada para iniciantes, oficina de nós e voltas de montanhismo.

- **Workshops Técnicos,**

Público alvo: montanhistas e escaladores, visando o aprimoramento técnico em escalada.

Atividades: oficinas de autorresgate, oficina de ancoragens, escaladas guiadas e oficina de ascensão em corda fixa.

- **Oficinas de Segurança,**

Público alvo: montanhistas e escaladores, visando o aprimoramento técnico em escalada.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES VEJAM O SITE DA FEMERJ:

<http://femerj.org/atm/2015>

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do artigo 21 §1º do Estatuto vigente, a diretoria do Centro Excursionista Brasileiro convoca o quadro social para participar da Assembleia Geral Ordinária a realizar-se no dia 15 de abril de 2015, às 19h em primeira convocação e às 19h30min em segunda convocação, na sede social do CEB, na Av. Almte Barroso nº2, 8º andar, Rio de Janeiro, para a apreciação das contas dos exercícios financeiros de 2014.

De acordo com o artigo 22 do Estatuto, para ter direito a votar na Assembleia Geral, o associado deverá:

I – ser associado do CEB há pelo menos dezoito meses, de forma ininterrupta, não se admitindo, como tal, períodos de afastamento, tais como licença e suspensão, e considerando-se como marco inicial o dia em que irá se realizar a Assembleia Geral;

II – estar no pleno gozo dos direitos sociais, em conformidade com artigo 69.

Parágrafo Único. Os associados Honorário, Correspondente e Dependente não têm direito a votar.

Rio de Janeiro, 1 de março de 2015

Horácio Ernesto Ragucci

Presidente da Diretoria do Centro Excursionista Brasileiro

EXPEDIENTE

Sede Social

Av. Almte Barroso 2, 8º andar

Rio de Janeiro/RJCEP 20031-000

Tel/fax (21) 2252-9844

Atendimento: 2ª a 6ª das 14h às 21h

Site: www.ceb.org.br

e-mail: ceb@ceb.org.br

CNPJ: 33.816.265.0001-11

Edição de março / abril 2015

Organização: Adilson Peçanha e Martinus van Beeck.

Revisão: Sinezio Rodrigues.

Diagramação: Júlio Carvalho

Tel: 98220-4672

Impressão: Gráfica Tudo Para Ontem

Tel: 24454695 / 2426-0324

e-mail: tudoparaontem@terra.com.br

Capa: fotos do grupo e da árvore Tamboril, símbolo do Instituto Inhotim; fotos de Martinus van Beeck

Mensalidades a partir de abril

Sócios contribuintes: R\$ 40,00*

Sócios proprietários: R\$ 24,00

Sócios dependentes: R\$ 8,00

Taxa de admissão R\$ 80,00

Taxa de participação em excursões para não-sócios e sócios com mensalidades atrasadas: R\$ 40,00.

São isentos da taxa os convidados pessoais do guia, e os convidados de sócios, desde que esta isenção seja aprovada pelo guia.

Qualquer escalada ou excursão com número limitado de participantes é prioritária para sócios em dia com as mensalidades.

* R\$ 43,00 para pagamento via boleto bancário

Diretoria

Presidente: Horácio Ragucci

horacior@gmx.net

Vice-presidente: Francesco Berardi

fberardi@uol.com.br

Diretor Técnico: Francisco Caetano

fcaetano@yahoo.com.br

Diretor de Comunicação Social: Adilson Peçanha

adilson.pecanha@globo.com

Diretor Social: Dora Nogueira

doranogueira@yahoo.com.br

Diretor de Meio-Ambiente: Antônio Dias

antoniodiasceb@yahoo.com.br

Diretor Administrativo: Rodrigo Taveira

rtaveira@grupounicad.com.br

Diretor Financeiro: Martinus van Beeck

martinusvanbeeck@gmail.com

1º Secretário: Luis Fernando Pimentel

luisffp@yahoo.com

2º Secretário: Milton Roedel Salles

Milton.roedel.salles@gmail.com

Conselho Deliberativo

Membros natos: Antônio Dias, Francesco Berardi, Francisco Vasco dos Santos, Hercílio Torres Dias, Idalício M. de Oliveira, José Pelaio T. Gonçalves, Mary Aranha Rossi e Rodrigo Taveira.

Membros eleitos: Adriano A. do Valle, Ana Isabel Aguiar Cabral, Antônio Carlos Borja, Claudia Bessa D. Meneses, Cláudio Eduardo Aranha, Eltevan M. de Sá, Flávio dos Santos Negrão, Francisco Carlos Caetano, Henrique Prado, Horácio Ragucci, José Barreiros Manso Fº, José Carlos de Oliveira, José Maria F. Cruz, Luiz Carlos Vulcanis Jr, Maria Nasaré F. Medeiros, Martinus van Beeck (presidente), Mauricio C. Carvalho da Silva, Pedro BugimRuelVergnano, Ricardo Martins Barbosa, Adilson Peçanha, Sílvia Maria de Almeida (vice-presidente), Simone Henót Leão e Zilda Alves de Magalhães.

A HISTÓRIA DA ESCADARIA DO PICO DA TIJUCA

Horacio Ragucci

Durante os longos anos em que frequento a Floresta da Tijuca e seu ponto culminante, o Pico da Tijuca, com seus 1021 m de altitude, tenho ouvido inúmeras histórias, muitas vezes contraditórias, sobre a origem da escadaria esculpida na rocha que dá acesso ao cume. A história pesquisada em antigos jornais, revistas, livros e relatórios do governo, dá um pouco de razão a várias das versões e lendas que tenho ouvido.

Uma das referências mais antigas à ascensão ao Pico da Tijuca é do naturalista alemão Hermann Burmeister que em 1853 escreveu: “Quem estiver disposto a enfrentar uma excursão sem facilidades e empreender um passeio... ate o Pico da Tijuca, descendo depois pela encosta desta montanha...”. (1)

Em 1866, no âmbito do Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas, foi criada a Comissão de Triangulação do Municipio Neutro (cidade do Rio de Janeiro). Para dar início aos trabalhos, em 26 de novembro de 1866, Dom Pedro II e o conde D'Eu galgaram o cume do Pico.

“Suas Magestades almoçarão no sitio do Sr. Taunay em frente a pittoresca cascatinha do Maracanã. Enquanto Sua Magestade a Imperatriz e sua Alteza a princeza imperial ahi descansavão, Sua Majestade o Imperador e Sua Alteza o conde D'Eu dirigirãose ao pico da Tijuca, a uma altura superior a 1050 metros sobre o nível do mar a fim de examinar os trabalhos da triangulação geral da cidade e Municipio Neutro encetada pela Inspeção Geral das Obras Públicas, depois de informar-se de alguns detalhes da triangulação, sua Magestade o Imperador dignou-se a medir o Primeiro Ângulo.

Descendo o Pico da Tijuca, sua Magestade veio a pé examinando algumas curiosidades botânicas acompanhado pelo Sr. Glaziou...”. (2)

Como é quase impossível que Suas Magestades tenham ascendido ao cume

escalando, o que teria sido uma notícia maior que a visita ao pico em si, devemos inferir que existia já na época algum tipo de escadaria ou socavão na rocha que permitia o acesso ao cume.

Em 1875, no jornal O Globo (que não era o jornal atual, que foi fundado em 1925), aparece um relato romanceado de um passeio à Floresta da Tijuca, assinado por Roberto Tavares.

“Confeso que senti calafrios, tremi ao subir os dezoito carcomidos degrãos da podre escada, sem corrimões que esboçava-se ao meu vacillante apoio; entretanto isto é o único lanço que em perpendicular avinca-se no costado do colosal granito. Ate ahi não apavorei-me demasiado; restava-me porem, e essa era a grande dificuldade, apoderarme da ponta da corrente que vinha do alto e estirava-se ao longo da pedra, consegui, so Deus sabe como.

Essa corrente que fica a direita, que resguarda e ampara ao peregrino touriste, sustentando-o, guiando-lhe o trôpego passo, esta em lastimoso estado; dos varões onde passa a conductora cadeia e que são soldados na pedra, alguns caíram arrancados pelo raio, outros oscillam sob a mão crispada pelo medo: em todo seu comprimento há 55 buracos onde as pernas os pés vão encaixando-se. O canteiro ou cavoqueiro importou-se pouco com os nervos dos timoratos e cravou-os na rocha viva ao seu bel prazer...”. (3)

A partir de 1869, um empresário de nome Peres oferece passeios em carroças de aluguel aos mais bonitos recantos da Floresta da Tijuca, entre outros ao “Gigante da Capital do Brasil (Pico da Tijuca cota 1143 metros)”.

Em 1875, Alfredo D'Escragnolle Taunay, em “Viagens de Outrora” (publicado em 1921), escreve; “Depois da Vista do Almirante, tem-se o Labirinto e, logo em seguida, apontada por graciosa mão em taboleta branca, a estrada do Pico da Tijuca cujo massiço se

ergue próximo, sombrio...”(4)

Em 7/12/1919, o CEB realiza sua segunda excursão oficial, “Pico da Tijuca – Noturna!!!”, com 10 participantes, guiada por Alberto Fleischhauer.

Pouco depois, em 24/09/1920, o rei Alberto I da Bélgica em companhia de 13 ou 14 pessoas galgou o cume do Pico da Tijuca

“Na rocha, ultimo lance a ser atingido na ascensão, foram abertos pequenos degrãos



Tenente Kfuri da Marinha do Brasil, publicada na Revista Careta 05-03-1935

Em primeiro plano (de gravata borboleta) o rei Alberto I descendo do cume do Pico da Tijuca; nota-se que os degraus eram bem mais rústicos do que os atuais.

ladeados de grossas correntes de ferro que disseram no local, lá estão há 40 anos para fim de tornar possível a escalada.”(5)

Finalmente, em 1929 foi publicado o relatório do Ministro da Viação e Obras Públicas, de 1927, onde na página 38 se lê: “Talhouse uma

nova escada na rocha do Pico da Tijuca”.(6) Já a mensagem presidencial de 1929 menciona que foram abertos 116 degraus na rocha e colocados 64 balaústres de ferro e adquiridos 600 metros de correntes para corrimãos. Estas obras teriam sido realizadas



A escadaria como se encontra hoje, mostrando os degraus retificados em 1927-28

Horacio Ragucci

entre 1927 e 1928. (7)

Como curiosidade cabe destacar que nos últimos lances da escadaria existem, em ambos os lados dos degraus, vários furos quadrados de aproximadamente 12 x 12 cm que sugerem que neles foram encaixados mourões de granito ou de madeira que serviriam como balaústres ou como suportes de uma escadaria de madeira. Em resumo, tudo indica que a partir da década de 1860 existia já no Pico da Tijuca algum tipo de escadaria ou socavões na rocha e correntes para facilitar a ascensão ao cume.

Quando da visita do rei da Bélgica, em 1920, a escadaria já existia há bastante tempo. Entre 1927 e 1928, a escadaria foi reformada com a escavação dos degraus no formato em que a conhecemos hoje, com a troca dos balaústres e correntes.)



Furos quadrados junto aos degraus

Horacio Ragucci

Referências:

- (1) Trilhas do Rio 2ª Ed. p. 120 – Pedro Cunha e Menezes Editora Salamandra - 1996
- (2) Jornal Correio Mercantil – Rio de Janeiro - 27/11/1866
- (3) Jornal “O Globo” (Antigo) – Rio de Janeiro 24/11/1875
- (4) Viagens de Outrora (1880) – Alfredo D’Escagnolle Taunay – p.123, publicado em 1921
- (5) Jornal “O Imparcial” 25/09/1925
- (6) Relatório ministerial do Ministério da Viação e Obras Públicas 1927
- (7) Mensagem Presidencial de 1929 – Jornal “O Paiz” 05/05/1929

Horacio Ragucci é presidente e guia do CEB

COCHAMÓ, O YOSEMITE DA AMÉRICA LATINA

Alice Fonseca

“É nas experiências, nas lembranças, na grande triunfante alegria de viver na mais ampla plenitude que o verdadeiro sentido é encontrado. Meu Deus, como é bom estar vivo!” Chris McCandless

Você já ouviu falar do Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia? Famoso por suas paredes gigantes, suas cúpulas de granito respeitáveis e cachoeiras de águas cristalinas? Bem, Cajón de Cochamó é o equivalente de Yosemite na América Latina, ou melhor, como dizem por lá, Yosemite é Cochamó da América do Norte. Exceto que esse paraíso ainda é pouco explorado.



Alice Fonseca

Via Apnea. (6-| Vlsup 100m) com o Cerro Anfiteatro ao fundo

Escondido no norte da Patagônia chilena, entre os altos montes de pedra, como o famoso Cerro Trinidad e Cerro Arco-Íris, Cochamó possui um cenário incomparável. Com suas paredes de granito de mil metros, muitas delas ainda inexploradas, é um paraíso da escalada tradicional, onde montanhistas de todo o mundo vão desfrutar suas intermináveis vias. Mas, não é só de big wall que é feito Cochamó. O vale é um lugar extraordinário para outras atividades ao ar livre como escalada esportiva, trekking,

cavalgadas, canoagem e mergulho no rio de água azul-turquesa. Se você é amante da natureza, o que acredito que aqui todos somos, irá se apaixonar à primeira vista!

Foi à procura de ideias para a nossa próxima viagem que eu e meu namorado Bernardo lembramos que o Gui e a Carlinha, do CBM92, comentaram sobre esse lugar, que parecia ser incrível. Resolvemos pesquisar mais e não foi difícil decidir passar nossas férias lá. Então, resolvemos botar o pé na estrada e ir pro Chile!

A estrada que nos leva até a trilha de Cochamó é simplesmente linda; eu não acho que já vimos uma paisagem assim antes. Repleta de lagos, montanhas, vulcões e verde, muito verde. Tudo junto! Quando chegamos ao ponto de registro, chamado El Sandero, nos preparamos para a trilha de 10 km, uma caminhada moderada de 4 a 6 horas. E vale a pena cada passo, mesmo!!

Depois de atravessar uma pequena ponte e passar a cerca onde estava escrito "El Morro", estávamos oficialmente na trilha que leva ao vale. O caminho todo é muito bem marcado, existe uma trilha principal para os cavalos e diversas variantes pelas quais você pode seguir; em algum momento todos os caminhos se encontram.

Após quatro horas de caminhada, chegamos a La Junta, início do vale Cochamó, onde há apenas o camping, o refúgio e a natureza. Quando chegamos, entendemos toda magia que lemos sobre o lugar, olhávamos para o céu e à nossa volta e víamos as magníficas cúpulas de granito do vale, a razão da fama deste vale. Era tudo muito impressionante e bonito.

Ficamos em La Junta por duas semanas e

tivemos o privilégio de explorar bem o lugar, o clima foi nosso amigo. As escaladas, em sua maioria, são em móveis, e bem fortes. É importante estar bem preparado, principalmente os dedos, por se tratar de escaladas de microfissuras.

Fizemos ótimos amigos, conhecemos escaladores de variadas nacionalidades e realizamos grandes escaladas. Investimos a maior parte dos nossos dias conhecendo setores de escalada esportiva, com a ideia de experimentar todo o tipo de escalada e pedra presente naquele lugar, que varia de setor para setor.

Infelizmente, não conseguimos subir os big walls. Claro que ficamos tristes, mas, como em qualquer viagem, há coisas boas e ruins. A nossa vivência na montanha nos ensinou que temos que levar sempre em consideração que, às vezes, não é possível realizar alguma coisa que estava planejado. Mas, por outro lado, é um bom motivo para voltar um dia. Pois temos certeza que voltaremos. Vou lhes dizer que a recompensa é enorme!!



Bernardo de Oliveira

Setor de escalada Matel+óndia com o Cerro Capicua ao fundo

Alice Fonseca fez o CBM92 e é sócia do CEB

INHOTIM: um paraíso feito por Deus e os homens.

Martinus van Beeck

Bernardo Paz é mineiro. Mais do que isso: é minerador, ou melhor (muito melhor...), dono de uma mineradora, a Itaminas. Desde 2000, com a alta do preço internacional dos minérios, a sua empresa vai de vento em popa, rendendo milhões. Mesmo assim, Bernardo Paz não se considera um milionário. Numa entrevista ele se autodenominou de louco: todo o lucro da Itaminas vai para sua paixão, o Instituto Inhotim.

Até poucos anos atrás, Inhotim nada mais era do que um bucólico bairro da cidade de Brumadinho, a 60km de Belo Horizonte. No século XIX, o local era uma fazenda que pertencia a uma mineradora, cujo responsável era um inglês, o senhor Timothy, que na boca dos mineiros passou a ser chamado de Tim, Nhô Tim, Inhô Tim... Inhotim.

Nos anos 1980, Bernardo Paz comprou uma gleba de terra nesta área, para se refugiar nos fins de semana. Construiu neste refúgio alguns galpões para abrigar sua rica coleção de arte modernista. Encantou-se com um gigantesco tamboril, árvore quase centenária, plantada pelo proprietário anterior. O encantamento com a propriedade cresceu com a aproximação de Burlie Marx, que a partir de 1984 começou a visitar a propriedade, dando seus palpites paisagísticos. Sob a influência do artista plástico pernambucano Tunga, Bernardo passou a considerar sua rica coleção de quadros nada mais que uma grande vaidade. Começou a se desfazer das suas obras Portinari, Guignard, Di Cavalcanti e outros artistas modernistas, para formar, com fins educativos, um acervo de arte contemporânea.

Aos poucos ele foi aumentando sua propriedade, adquirindo terrenos vizinhos e as mais diversas obras de arte. Em 2006, Inhotim transformou-se numa OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), e foi aberto à visitação pública. Hoje, Inhotim é o centro de arte contemporânea mais importante do Brasil e, dizem especialistas, um dos mais significativos do mundo, abrigando obras de artistas nacionais, como Cildo Meireles, Hélio Oiticica, Tunga, Adriana Varejão (ex-mulher

de Bernardo) e estrangeiros, todos ilustres desconhecidos, pelo menos a mim. As obras estão expostas entre lagos, em prédios de arquitetura avançada, num jardim botânico que abriga a maior coleção de espécies de palmeiras do mundo (dizem que são 1500...), entre plantas raras, nativas e exóticas. A mais exótica é a flor cadáver, nativa da Sumatra (Indonésia), considerada a maior (e mais mal cheirosa) flor do mundo, que, ao longo de seus 40 anos de vida, floresce apenas duas ou três vezes.

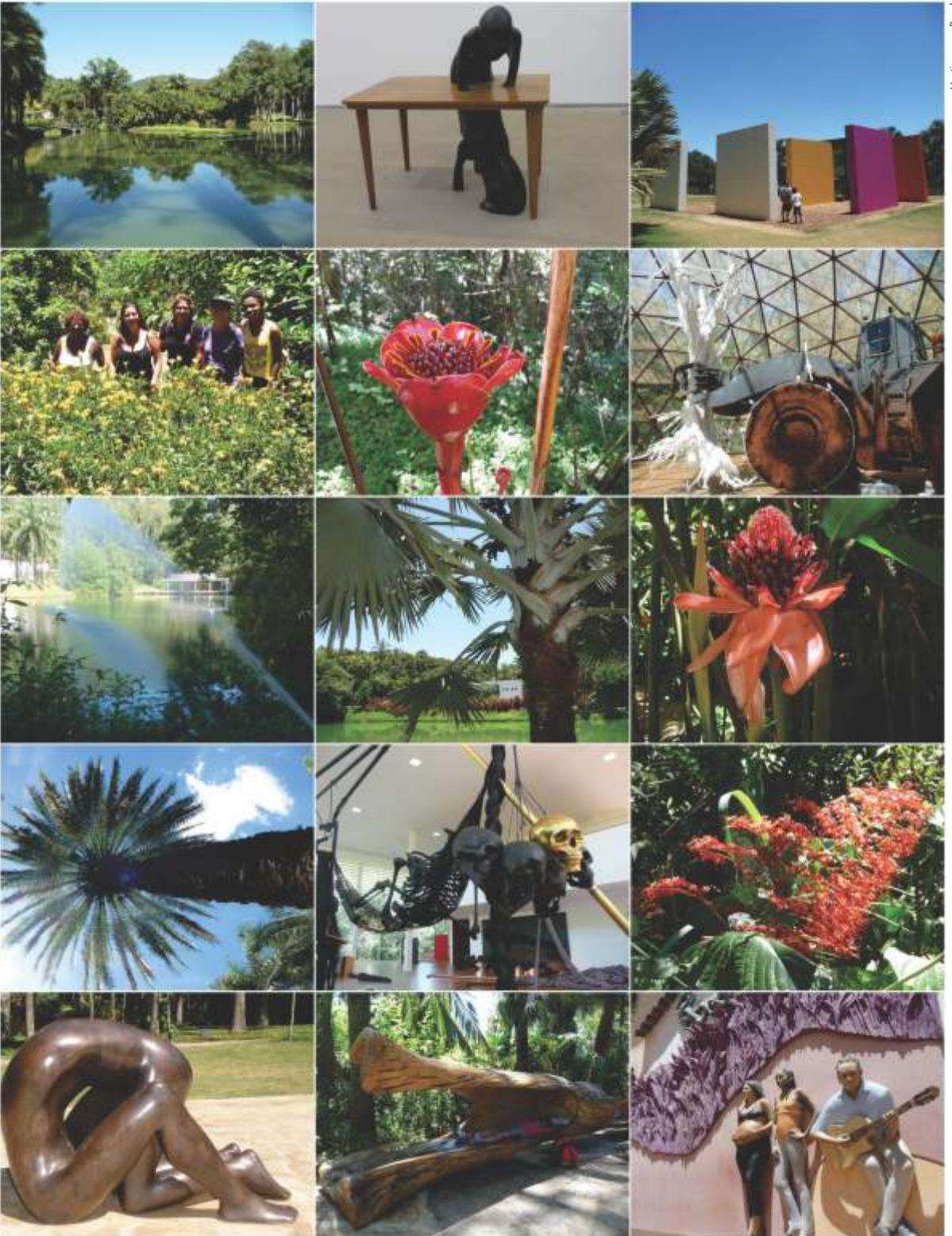
Não vi a flor cadáver e ninguém sentiu nenhum cheiro ruim na nossa visita nos dias 17 e 18 de janeiro. Ao longo destes dois dias, a turma de 33 ceebenses (dos quais a grande maioria mulheres, por que será?) fez caminhadas leves (embora cansativas, tanto que alguns usaram os trenzinhos elétricos...) entre flores e esculturas, palmeiras e cenários arquitetônicos, admirando as artes de Deus e dos homens.

Na segunda-feira dia 19 de janeiro, viajamos 170km, de Brumadinho a Cordisburgo, onde fomos guiados, ao longo de uma hora, pela Gruta da Maquiné, com seus sete salões enormes (os maiores do Brasil), admirando suas bizarras estalactites e estalagmites, formadas a uma velocidade de 3cm por século, ao longo de centenas de milhões de anos. Aproveitamos a viagem a Cordisburgo para visitar a casa onde nasceu, em 1908, João Guimarães Rosa, na minha modesta opinião o maior romancista brasileiro de todos os tempos.

E no último dia, o feriado de São Sebastião, voltando para Rio, demos uma voltinha na cidade histórica de Congonhas para admirar as obras do maior escultor brasileiro de todos os tempos, o Aleijadinho.

Terminamos assim uma jornada cheia de superlativos, talvez a maior excursão cultural de todos os tempos do Centro Excursionista Brasileiro.

Martinus é Guia do CEB



Imagens de Inhotim

ACONCÁGUA

a epopeia de uma tentativa malograda

Francisco Caetano

No início de 2014 Jorge Campos já tinha decretado: Caetano, vamos subir aquela "po&&a" este ano.... E assim foi decidida a nossa quarta tentativa de chegar ao teto das Américas. Ao longo do segundo semestre efetuamos alguns treinamentos que nem de longe foram do mesmo tipo de preparativo das outras vezes. Achávamos que, como já conhecíamos tudo de cor e salteado, bastava a gente se monitorar... e assim foi feito. Faltando pouco menos de um mês estávamos com um preparo físico bom, mas sem ter executado nenhuma atividade realmente pesada.

E assim, na quinta feira dia 18 de dezembro, após ter trabalhado até as 17h, Jorge e eu saímos correndo do trabalho para casa e de casa para o aeroporto. Na manhã seguinte já estávamos em Mendoza. Sem descansar, alugamos material, efetuamos o registro, alugamos mulas, fizemos compras, arrumamos as mochilas e as cargas das mulas. Chegou a noite, desmaiamos nas camas. Cedo no dia seguinte já estávamos em Puente del Inca, deixamos as cargas com as mulas e, mais uma vez sem descanso, partimos para Confluência, cada um carregando 25kg nas costas. "Passo forte contínuo..."

À noite, cansados mas animados, fazíamos planos pro dia seguinte. Fizemos as avaliações físicas recomendadas pelo Miguel. Alguns resultados me preocupavam: além do Jorge apresentar a habitual baixa de temperatura (35 graus), a minha oximetria estava muito mais baixa do que nos anos anteriores. Uma leve dor de cabeça foi facilmente amansada por uma aspirina, mas aí veio a surpresa: cadê o resto dos remédios?... ficou no Rio! O remédio que mais fez falta foi, acreditem, o antiácido! Dá pra acreditar? O maior problema médico que enfrentaríamos não seria dor de cabeça, e sim estômago queimando!

Partimos para a Plaza Francia, lentamente... e, mesmo assim, na altura do Mirador alcançamos algumas excursões que haviam saído horas antes. Notamos que nenhum turista era levado de lá até a Plaza Francia, uma hora de caminhada, só de ida. Mas nós fomos.... como sempre.

Na volta, cansados, mas tudo bem, é natural, tivemos que resolver uma questão: ficar mais um dia, já que "pulamos" a estadia em Puente del Inca, ou seguir direto para Plaza de Mulass? Adivinhem a resposta:

"passo forte contínuo..."

A primeira metade do caminho consiste no aclive suave e interminável de Playa Ancha. Andamos sobre o cascalho por quatro horas intermináveis até chegar ao pé de uma subidinha denominada Ibañes, uma pequena parada no meio do percurso que dura cerca de 8 horas. A subida que se seguiu foi minando a gente aos poucos... Ainda não havíamos aprendido a lição: é verdade que as mochilas não pesavam os 32kg da vez passada, tinham 'apenas' 25kg em cada uma, mas ainda estavam muito pesadas...

Chegamos à Plaza de Mulass após pouco mais de 9hs de caminhada, muito cansados, e ainda teríamos de subir todo o acampamento até a base da Aymará, montar a nossa 'pequena' barraca, depois armar com pedras em cima das saias... O final dessa epopeia se deu com os dois desmaiando dentro da barraca.



Jorge Campos

Plaza de Mulass, em frente ao posto dos guarda parques para fazer check in.

Manhã seguinte, muito frio, muito vento... Ninguém no acampamento além de nós; estávamos grogues... Os guias locais denunciavam uma pré-temperada atípica de muito frio e muito vento.

A nossa vontade era descansar, mas aha! a dupla de mulas não podia parar, e... lá fomos descansar, porteando nossa carga para Plaza Canadá. Levamos uns 20kg de material pra cima, além da comida... Subimos em quase 3 horas, tempo padrão. Admiramos o visual e descemos. No final do dia, o Jorge encarnou o "Master Chef"; valeu a pena carregar o peso da comida: jantamos espaguete ao sugo com purê de batatas e ovos ao bacon.



Francisco Coelmo

Plaza Canada com o Cerro Cuerno ao fundo, retorno de Berlim, recolhendo material pelo caminho.

Manhã seguinte, fomos à rotina de verificar os prognósticos climáticos e... havia uma tempestade no meio do caminho, no meio do caminho havia uma tempestade. Enfrentar ou esperar, eis a questão. Nossa primeira decisão foi um meio termo, iríamos subir, mas não muito, e com isso ganhar tempo e altura...

Neste momento uma grande surpresa! Em frente do posto médico onde fomos liberados para subir, encontramos Wally e seu amigo Ernesto, que também iam fazer a sua avaliação médica. A subida para Plaza de Mulas não tinha sido fácil, mas eles estavam bem!

No sábado partimos para o Canadá, sem dor de cabeça ou náusea. Mas de novo: carga pesada, pouco descanso... Depois de uma hora de subida, na altura do "Semáforo", Jorge começa a gesticular, apontando o que vinha pela frente: o tempo estava fechando mesmo. Decidimos descer. Sábia decisão: em pouco tempo estávamos de volta a um Canadá imerso numa tempestade branca...

O domingo perpetuou as intempéries de sábado e finalmente fomos forçados ao nosso primeiro descanso. Aproveitamos para checar as previsões e refazer os planos. O esquema ficou apertado: teríamos que subir sem porteio para pegar a janela que aconteceria no dia do Natal, sem folgas, uma só chance, um só tiro.

Segunda feira, Wally e Ernesto decidiram fazer o mesmo... era a única janela. Subimos todos.. nossa carga era enorme, ainda assim chegamos quinze minutos antes: "passo forte e contínuo".

Ao chegar ao Canadá, constatamos que o local onde havíamos deixado nosso porteio não foi respeitado, foi ocupado descaradamente por outros; enfim, espírito de porco tem em todo lugar e em todo país... Tudo bem, montamos em outro local.

Nossa rotina era doida... Acordamos às 8h como todo mundo. A diferença era que às 10h todos já tinham tomado café e iniciavam calmamente sua caminhada enquanto nós fazíamos comida, desmontávamos barracas, arrumávamos mochilas, removíamos as pedras e, ufa, no final de tudo isso carregávamos o peso todo nas costas... dava vontade de chorar.

Ao chegar ao próximo acampamento tivemos que ir em busca de neve para ter o que beber. Dormimos bem em Canadá, comemos bem, Jorge teve má digestão, sinal de pouca aclimação. Levantamos e lá fomos pra Nido. Tive que pegar algum peso do Jorge para equilibrar a carga. Chegamos a Nido em quatro horas, estávamos forçando, mas... a janela era dois dias depois. Chegamos cansados, comemos pouco. Dormimos bem, mas estávamos cansados, muito cansados. Baixa aclimação. Devíamos ter dormido mais um dia em Nido.

Deixar Nido foi a gota d'água. O cansaço já era extremo, mas lá fomos nós rumo a Berlim. A subida, que antes fizemos a jato, dessa vez fazia tartaruga parecer papa-léguas. Chegamos mortos. Tempo, preparação, aclimação, alimentação e hidratação: a

equação a ser equilibrada. Berlim estava vazio! Todos foram para Cólera, mais à esquerda. Resolvemos ficar por ali mesmo, a espera do Wally que ia nos encontrar lá.

Ficamos num espaço muito bem abrigado e acreditem, em termos de frio e vento, foi o local mais tranquilo de todos. Havia neve por perto e com isso nosso desespero acabou cedo, umas 17h, um recorde! Algumas horas depois chegavam o Wally e Ernesto, e pouco tempo depois estávamos jantando. Sopa dessa vez! Não havia estômago para mais nada.

Cai a noite, durmo muito mal e "zapt": são 4 horas, hora de levantar, comer um pouco e se arrumar... e às 06h estávamos prontos para atacar o cume! Ao sair da barraca: pés OK, pernas OK, tronco OK, cabeça OK, e mãos.... congelando, congelando, "pqp", congelou a minha, congelou a do Jorge, que dor! O polegar esquerdo do Jorge estava a caminho do funeral... E esse penar patético durou uns dez minutos, até decidirmos partir assim mesmo. Wally e Ernesto ainda estavam se aprontando.

Segui na frente, muito, muito lentamente, o cansaço era enorme. Para piorar, na saída de Berlim começa numa pirambeira que logo acrescenta uns lances de trepa-pedra que de bota plástica ficam mais cansativos. Aí, Jorge sinalizou que não dava mais; resolveu voltar para a barraca. Subi, subi até o acampamento virar um pontinho. A balaclava estava insuportável! Arranquei-a da cabeça. O vento era cortante, congelava o nariz e começava a gerar dor de ouvido. Meu fôlego? sei lá, não existia mais. Sabia que naquele ritmo não chegaria ao cume.... tentei mais um pouco... e, bem, parei... Dei uma bela olhada

em todo o horizonte e resolvi descer... Em poucos minutos já estava de volta à barraca. Nesse momento pude tirar as luvas. As mãos estavam supergeladas, enrijecidas, levei vários minutos até elas voltarem à vida. Lá pelas 8h, Wally e Ernesto resolveram subir, emprestei minhas luvas ao Ernesto, e voltei para o saco de dormir até parar de tremer de frio.

Final da manhã, já com o sol na barraca, não tivemos dúvida: perdemos a janela, e a previsão era de ventos fortes até dia 29. Arrumamos tudo para descer. Aí fui eu que quase apaguei! Fiquei lá que nem 'João bobo' enquanto o Jorge fazia o serviço pesado. Nesse momento tive a real consciência do nosso estado. Chegamos a Berlim no limite. Não tínhamos mais combustível, nem comida, nem saco!

Descemos, recolhendo o que foi deixado no meio do caminho até Plaza de mulas, onde as mulas éramos nós. Nossas mochilas eram tão grandes que chamavam a atenção. Alguns porteadores nos sinalizavam, achando que fôssemos colegas.

Dormimos em Plaza de Mulas, mas é claro... após a desgastante descida tivemos ainda que arrumar tudo! Distribuimos os restos da nossa comida e mandamos as sobras para as mulas, etc, etc... Adivinhem o resultado: só de noite estávamos pronto para descansar. Ficamos acantonados numa barraca menor e sequer fizemos comida!

Manhã seguinte, sem café, despachamos tudo e descemos até Puente del Inca. Chegando lá, nos demos conta de que estávamos há quase dois dias puxando forte sem comer...

Chega de passo forte e contínuo. Agora quero sombra e água fresca.... o Jorge também!



Jorge Campos

Plaza de Mulas, vista geral do acampamento com o Cerro Bonete ao fundo, no início da nevasca do fim de semana.

Francisco Caetano é guia do CEB

CAMINHANDO À SOMBRA DO VULCÃO numa terra em transformação.

Marco Aurélio Farias

Fazer a travessia de seis dias do Parque Nacional do Villarrica, no Chile, atraía-me mais do que subir o vulcão do mesmo nome, situado no norte da Patagônia chilena. Com fé na previsão de que o tempo iria ficar firme nos próximos dias, eu, Torsten e seu filho Jasper passamos uma manhã em Pucón, nossa base, preparando-nos para a empreitada. No meu caso, isso incluiu até a compra de uma barraca. Pucón é uma aprazível cidade com pouco mais de 20.000 habitantes, localizada a 780km ao sul da capital Santiago, na província de Cautin, região da Araucania. Cercada pelo lago e pelo vulcão Villarrica, a cidade é uma das mecas do ecoturismo. Por isso, seu crescimento é veloz e já tem muitas lojas de material para atividades ao ar livre.

Caminhando e Cantando

No primeiro dia começamos bem tarde. Um táxi nos deixou no refúgio Villarrica, cerca de 18km de Pucón. Estávamos a cerca de 1.500m de altitude, já um pouco acima da linha das árvores naquela latitude, e tínhamos uma bela vista de Pucón e do lago Villarrica. O refúgio não abre no verão. O primeiro dia de caminhada era um trecho com cerca de 11,5km, e ficamos mais tranquilos quando pudemos verificar que a trilha estava bem sinalizada. Não encontramos muita gente durante a nossa travessia, mas, por coincidência, no mesmo horário em que começamos a nossa caminhada, um grupo composto por uma mulher e dois homens jovens iniciou a mesma jornada. Tivemos uma breve conversa. O objetivo deles era igual ao nosso: chegar a Puesco, distante 81km. Eles estavam bem mais leves que a gente – acredito que eles não estavam tão preparados para passar as noites frias. Sequer eles tinham um mapa – nós também só tínhamos uma cópia de um mapa publicado num guia Lonely Planet. Para completar, uma parte da bagagem daquele grupo com jeito indígena eram instrumentos musicais. A mulher falou que eles iriam andar devagar e fazer música. Logo, já estávamos adiantados em relação a eles e eu não imaginava que iria voltar a encontrá-los. Mas, foi o que aconteceu no nosso 4º dia de caminhada.

O início da travessia circunda o vulcão Villarrica (2.847m) pela sua encosta noroeste/oeste. Não muito acima da cota de altitude em que estávamos, a neve cobria toda a parte superior do vulcão, com seu clássico cone expelindo gases. O Villarrica é muito ativo e sua erupção de 1971 destruiu a pequena vila de Coñaripe. Atravessamos grandes campos de lava solidificada. Carregávamos muita água, mas logo vimos que isto não era necessário, uma vez que regularmente encontrávamos um ponto de abastecimento.

Como naquele dia tínhamos poucas subidas, inventamos

uma. Deixamos nossas pesadas mochilas escondidas e subimos uma trilha que, em pouco mais de meia hora, nos premiou com uma vista ainda mais próxima do Villarrica e também mais aberta da região. No local havia um banco e até um livro para registros. Na primeira noite, acampamos numa aprazível floresta perto de algumas lagunas. Quando fui lavar os pratos, notei que a água não estava tão fria. Muito provavelmente, parte das fontes que formam os lagos é termal e aquecia parte da água que vinha de degelo.



Marco Aurélio

A Laguna Azul com o Vulcão Villarrica ao fundo.

“Longe das praias e das mulheres bonitas”

Não começamos cedo naquele dia. Não havia necessidade. Em dezembro, naquela região, o sol só se põe depois das 21 horas. Podíamos caminhar devagar – em ritmo de cruzeiro – com bastante tempo para fotografias e apreciar o visual dos vários vulcões da região. Naquele 2º dia, o trecho a ser percorrido era de 16km. Começávamos a circundar o Villarrica pela encosta sul. Exploramos cavidades formadas pela lava e um cenário marcante era o Valle del Fuego – cujo nome dispensa descrições. De fato, caminhar naquela região é testemunhar a batalha sem fim entre forças naturais: a vegetação que luta para sobreviver entre uma erupção e outra. Nesta travessia, em um momento podíamos estar caminhando por cima de lava solidificada com algumas flores esparsas desabrochando e em outro entre árvores com mais de 10 metros de altura.

Em todo aquele dia, só encontramos um caminhante solitário que fazia a travessia no sentido contrário. O holandês, quando soube que eu era do Brasil, comentou que isto era incomum - ver um brasileiro tão longe das praias e das mulheres bonitas. Naquela noite, nosso acampamento foi às margens de um rio relativamente caudaloso chamado Pichillancahue. No dia seguinte, não perdemos a oportunidade para um parcial banho matinal. A água não era termal.

Um Mirante de Vulcões

O 3º dia prometia ser o mais pesado de todos. Incluía uma distância de 16,5km a ser percorrida e um forte desnível. Como descemos bem, sentimos também o calor. Numa área conhecida como Camping Chinay, encontramos um funcionário do Parque que anotou os nossos nomes e, deste modo, entramos “oficialmente” no Parque Nacional. Também conseguimos o mapa oficial do Parque. Encaramos uma forte subida dentro de uma floresta. A sombra das árvores nos dava certo “refresco”, mas um tipo de inseto que sabia ser tão chato quanto a nossa mutuca não deixava a gente parar por muito tempo. O Villarrica ia ficando mais distante, e quando chegamos ao limite da linha das árvores, começamos a atravessar alguns campos de gelo. Finalmente, chegamos a um mirante a 1.758m com

vista para os cinco vulcões mais próximos: Villarrica, Lanín, Choshuenco, Mocho, Quetrupillán e outros mais distantes. Passamos um tempo, aproveitando o bellissimo visual.

Depois, descemos um pouco dentro de uma pequena floresta e acampamos perto de um riacho com o Vulcão Villarrica dominando a linha do nosso horizonte na direção noroeste. Após um banho “express” e o jantar, sempre preparado pelo Torsten, fizemos uma fogueira e esperamos a noite chegar para observar o céu estrelado.

Os Condores apareceram! Estava escrito

O objetivo do 4º dia era chegar à Laguna Blanca. Um percurso de 13,5km. Íamos contornando a parte sudoeste do Vulcão Quetrupillán (2382m). A explosão deste vulcão há milhares de anos atrás originou o extenso platô do Parque Nacional. Os campos de gelo ficaram mais frequentes. Logo encontramos uma cachoeira formada pelo derretimento de um campo de gelo acima. Jasper se empolgou e resolvei acompanhá-lo: tomamos um banho de tirar o fôlego. Literalmente!

Depois, chegamos a um mirante e a vista dos vulcões era espetacular. Começamos também a avistar condores. Bem, o guia Lonely Planet que utilizávamos para seguir a trilha avisou que isto aconteceria! O dia estava perfeito e eu e Jasper, muitas vezes, aproveitávamos a inclinação de certos campos de gelo para fazer a descida escorregando. Foi uma espécie de treino para a descida do Vulcão Villarrica, que terminamos fazendo quatro dias depois.

Caminhamos naquele dia ainda mais demoradamente. À tarde, avistamos a Laguna Azul e fomos em sua direção. A formação desta laguna se deve ao represamento natural provocado por um campo de lava. Passamos um bom tempo às suas margens, tomamos um banho e depois nos secamos ao sol. Então, surgiu o grupo que encontramos no início da caminhada. Chegaram, entoaram cantos que pareciam preces. Também estavam felizes com o lugar.

Seguimos adiante, e mesmo depois de certa distância ainda ouvíamos o som de algum instrumento. Ao que tudo indica, a mulher e os dois jovens passaram a noite às margens da Laguna Azul. Foram mais espertos que nós.



Marco Aurélio

A formação da Laguna Azul se deve ao represamento natural provocado por um campo de lava.

O significado de semi-abrigado

A paisagem da Laguna Blanca é bem diferente do que da Laguna Azul. Com uma cor de água leitosa, sem vegetação em torno, muitas pedras e vento constante não seria errado descrevê-la como desolada. Além do mais, na água havia misteriosas pedras flutuantes?! Não tínhamos como seguir adiante, uma vez que ameaçava chuva e teríamos que atravessar um passo a mais de 1.800m de altitude. Além do mais, não tardaria a escurecer. Bem, como se diz: “Agora, Inês está morta!” e não tínhamos alternativa a não ser procurar um lugar um pouco mais abrigado do vento. Tínhamos a informação de que o lugar oferecia semi-abrigos para acampamento e passamos a entender perfeitamente o que isto significava.

O dia seguinte trouxe uma chuva fina, constante e horizontal devido aos ventos fortíssimos. Torsten, de sua barraca, disse o seu bordão: “Partiu...”. Saímos sem café da manhã e usamos o máximo de roupas possível. Nossas mochilas ficaram bem leves. Fazia bastante frio, afinal, estávamos na Patagônia! Bem, pelo menos, o vento, na maioria dos casos, nos empurrava para frente. Decidimos seguir até Puesco, uma distância de 23km. Deste modo, fizemos o trajeto de dois dias em um. A visibilidade, em muitos momentos, era mínima e a orientação nem sempre fácil. Algumas vezes, o que nos indicou a direção a seguir foram pegadas no gelo. Após algumas horas, estávamos numa altitude menor e a trilha ficou bem enlameada.

Depois, a situação melhorou. Foi uma experiência, e são estes momentos que nos preparam melhor.

Onde está Puesco?

Quando chegamos à localidade conhecida como Puesco, constatamos que o lugar era mais rústico do que podíamos imaginar. Na verdade, andamos por uma estrada asfaltada (a rota internacional 119, que liga Pucón a Junín de Los Andes, na Argentina) e não identificamos algo que pudesse sequer ser chamado de vilarejo. A próxima localidade – Curarrehue – estava a 24km ao norte.

Seguimos pela estrada que tinha algum tráfego com caminhões pesados (principalmente devido a obras na rodovia) e pedíamos carona. Chovia, tínhamos mochilões e estávamos enlameados. Qual a probabilidade de conseguir a carona? Pois é, conseguimos! E nos levou até Pucón, distante mais de 50km. No dia seguinte, presenteamo-nos passando uma tarde inteira numa das melhores termas de Pucón: a Geométricas, com opções de banho que iam de 9°C até 43°C. Experimentamos todas.

Já fiz travessias excepcionais no Chile, inclusive o circuito das Torres del Paine e dos Dentes de Navarino. O que posso dizer é que elas valem muito. Os chilenos têm consciência da exuberante beleza natural de seu país, e seus Parques com trilhas bem sinalizadas são convites para que você as desfrute. Então, senhores, o que estão esperando?



Marco Aurélio

No cume do Villarrica. A diversão fica por conta da descida: algumas centenas de metros na técnica do “skibunda”.

Marco Aurélio é sócio do CEB

GASTRONOMIA MONTANHÍSTICA

A Claudia Bessa enviou a seguinte receita, indicada para acampamentos com restrição de água.

NHOQUE (para duas pessoas)

Ingredientes :

Nhoque de batata da marca "Pastifício Guidolim", disponível na redeHortifruti

O molho pode ser daqueles de sachê que já vem pronto.

Modo de preparo

Leve o molho congelado. Derrame o conteúdo do sachê numa panela e esquente. Coloque o nhoque na panela, separando um a um. Sirva com queijo ralado.

O molho pode ser incrementado. Refogue uma cebola com

alho e azeite. Derrame o sachê com molho pronto e deixe reduzir, isto é, engrossar por mais ou menos uma hora. É preciso mexer para não queimar. Deixe esfriar e coloque numa embalagem de garrafa pet de 600 ml. Congele e leve para a montanha.

Observação: Esse nhoque já vem pronto, portanto não precisa cozinhar na água. Se quiser distribua o nhoque diretamente no prato e derrame o molho quente ali mesmo.

Mande sua receita para a redação do boletim

adilson.pecanha@globo.com

ou martinusvanbeeck@gmail.com



ANIVERSARIANTES

Março

- | | |
|--|--|
| 1 - MARTA LUCIA ANDRIGO | 16 - YVES LAHURE |
| 2 - MÔNICA DE OLIVEIRA VILARIM | 17 - ADRIANA V. C. AMÁBILE |
| 2 - LUIZ ARTHUR DE SOUZA TEIXEIRA | 19 - AMANDA DA C. ROCHA DE MELO NOGUEIRA |
| 4 - LUCAS PAULO WILLIAMS MEDEIROS | 20 - LENILSE CARLA PEREIRA |
| 5 - WANEDIL GUERRA DA SILVA | 20 - CARLOS EDUARDO VAGELER |
| 6 - FABRIZIO PELLEGRINI DE AZEREDO | 21 - ANA ESTELA B. DA S. VULCANIS |
| 6 - MARIA HELENA MAIA MONTEIRO | 22 - LEA DE LIMA NANTE ANDRADE |
| 12 - SIMONE LOPES GUIMARÃES D'OLIVEIRA | 22 - ALEXANDRE NUNES FIALHO |
| 12 - MÁRCIA VALÉRIA FARIA | 22 - CARLOS AMÁBILE |
| 13 - CAROLINA SOARES SOUZA | 23 - ANA CECILIA CORREA DA SILVA |
| 15 - OLIVIA M. S. KOPCZYNSKI | 28 - MARIA LUISA AZEVEDO WERNESBACH |
| 15 - CHRISTIANE CARMINATI DA SILVA | 29 - ANA CLAUDIA DE VASCONCELOS CAMPOS |
| 15 - BIANCA WASLAWIK VOLOTÃO | |

Abril

- | | |
|--|---------------------------------------|
| 2 - PAULO LEFEVRE | 17 - ROSIANE DE FREITAS RODRIGUES |
| 2 - PRISCILA DA CUNHA MORENO LOPES | 17 - ESTER CAPELA |
| 4 - MARTINUS VAN BEECK | 18 - RAFAEL JARDIM BARROS DE OLIVEIRA |
| 4 - MARCELO RÉGNIER | 19 - NORMA NERY |
| 5 - ANA ISABEL AGUIAR CABRAL | 19 - KARINA GOMES AUGUSTO DE ARAUJO |
| 6 - PAULO ROBERTO GÓES DA SILVA | 19 - LUIZ PAULO HENOT LEÃO |
| 6 - LERRÂNEA DE OLIVEIRA LIMA | 20 - CLÁUDIA BESSA DINIZ DE MENEZES |
| 6 - VANIA CRISTINA FRAGA DE FARIA PICULO | 21 - ALEX DOS SANTOS PICULO |
| 7 - MAURICIO ROMA CAVALCANTI | 22 - MARIA DA GRAÇA SILVA CASTRO |
| 7 - ROGERIO MAURER DE ANDRADE | 22 - RAFAEL H. N. WIESEZ |
| 8 - HORACIO ERNESTO RAGUCCI | 24 - NIDIA REGINA DE LIMA AGUILAR |
| 10 - MARCIA ARANHA C DA F COSTA | 24 - PAULA DE MELLO CASTRO |
| 11 - LUCIOLA MARIA V FERREIRA | 25 - GILBERTO DUTRA DE FARIA JUNIOR |
| 11 - IGNACIO LUIZ VILELA BARBOZA | 26 - BERNARDO DE OLIVEIRA PAIS SILVA |
| 11 - ANTONIO CARLOS FERNANDES BORJA | 26 - REGINALDO ALMEIDA NEGROMONTE |
| 12 - MARLUCE DOS SANTOS | 27 - SÔNIA BUGIM RUEL |
| 13 - GENI SOUZA BARCELLOS | 28 - LUCIA DA S. VIDA CID |
| 16 - CELSO PERIN | 28 - VERA DULCE DA SILVA NOGUEIRA |
| 16 - EDUARDO GARRITANO | 30 - EUZALIR SANTOS DALE LOPES |
| 16 - EDUARDO DA CUNHA MOREIRA | |
| 16 - ROBERTA DA CUNHA MORENO LOPES | |

CHEGANDO À BASE

- 03715 - CLAUDIA CANTANHEDE AMELIO
 03716 - FERNANDO ANTONIO MARQUES DA SILVA
 03717 - KARINA GOMES AUGUSTO DE ARAUJO
 03718 - ALESSANDRO SAMPAIO DE OLIVEIRA
 03719 - LEA DE LIMA NANTE ANDRADE

- 03720 - MAURICIO JOSÉ GONÇALVES
 03721 - MÁRCIA FONSECA ROCHA
 03722 - REGINALDO ALMEIDA NEGROMONTE
 03723 - UDO KURT

PROGRAMAÇÃO

Vejam a programação no site ceb.org.br

data	destino	classificação	local	direção
01 - 07/ 03/2015	PERAMBULANDO POR PARATY	CAMINHADA PESADA COM ACAMPAMENTO MÓVEL	PARATY	ALMIR SILLER DE ABREU
01/03/2015	TRAVESSIA LUCIOS X TORRES DE BONSUCESSO X VALE DOS FRADES	SEMIPESSADA	PARQUE ESTADUAL DOS TRÊS PICOS - TERESÓPOLIS	FRANCESCO BERARDI / CLÁUDIA BESSA DINIZ DE MENEZES
07/03/2015	P3 - PAREDÃO PARAÍSO PERDIDO	3º V D2 E2	SETORA - P.N.T.	ANDRÉ MARTINS
14/03/2015	PAU DA FOME X VARGEM GRANDE VIA CASA AMARELA	LEVE SUPERIOR	P.E.P.B.	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
15/03/2015	PEDRA JOÃOZINHO	LEVE SUPERIOR	ARARAS - PETRÓPOLIS	FRANCESCO BERARDI / CLÁUDIA BESSA DINIZ DE MENEZES
22/03/2015	PERAMBULANDO PNT	LEVE SUPERIOR	P.N.T.	ZILDA ALVES DE MAGALHÃES
28/03/2015	TRAVESSIA MOGANGA X QUEIMADO X HORTO	SEMIPESSADA	P.N.T.	ESTER CAPELA
28/03/2015	CIRCUITO CANOAS x AREAL	SEMIPESSADA	TRES PICOS	ADILSON PEÇANHA - LEONARDO FURTADO- WILLIANS SOUSA
11/04/2015	PICO DO GLÓRIA	SEMIPESSADA	PNSO	ADILSON PEÇANHA - LEONARDO FURTADO - WILLIANS SOUSA
17/04/2015	TRAVESSIA LONGITUDINAL DAS AGULHAS NEGRAS	SEMIPESSADA COM ESCALADA	PARQUE NACIONAL DE ITAIAIA	ESTER CAPELA
18/04/2015	TJUCA MIRIM VIA CAVEIRA E CACHOEIRA DAS ALMAS	LEVE SUPERIOR	FLORESTA DA TJUCA PNT	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
25/04/2015	PEDRA DA CRUZ VIA MIRANTE SIMONE	SEMIPESSADA COM LANCES DE ESCALADA	PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS	ESTER CAPELA
09/05/2015	TRAVESSIA CABANA DA SERRA X BOM RETIRO	LEVE SUPERIOR	P.N.T.	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
09/05/2015	ESCALAVRADO	SEMIPESSADA COM LANCES DE ESCALADA	PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS	ESTER CAPELA
16 - 30/ 05/2015	COSTA RICA E PANAMÁ	LEVE SUPERIOR E TURISMO	COSTA RICA	ALEXANDRE CIANCIO / SIMONE HENOT LEÃO
06 - 07/ 06/2015	TRAVESSIA PETRÓPOLIS X TERESÓPOLIS	PESADA	PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS	ESTER CAPELA
19 - 21/ 06/2015	PEDRA DO BAÚ	LEVE SUPERIOR	SÃO BENTO DO SAPUCAI	ESTER CAPELA / HORACIO ERNESTO RAGUCCI
20/06/2015	PEDRA DA CRUZ VIA PASSAGEM DA NEBLINA	SEMIPESSADA C/ LANCE DE 1º GRAU	PNSO	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
04/07/2015	CABEÇA DE PEIXE	SEMIPESSADA COM LANCES DE ESCALADA	PNSO	ESTER CAPELA
16 - 29/ 07/2015	TREKKING NOS VULCÕES DE EQUADOR	CAMINHADAS PESADAS E SEMIPESSADAS EM ALTITUDES ENTRE 3500 E 5000M	EQUADOR	ADILSON RODEGHERI PEÇANHA / MARTINUS VAN BEECK
18/07/2015	P.N.I CAMINHADAS VARIADAS COM TRAVESSIA REBOUÇAS X MAROMBÁ	VARIADAS	P.N.I	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
31/07/2015	PICO DA BANDEIRA	SEMIPESSADA	PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ	ESTER CAPELA
08/08/2015	CASTELOS DO AÇÚ	CAMINHADA SEMIPESSADA	PETRÓPOLIS - PNSO	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
04/09/2015	PARQUE ESTADUAL DE TRÊS PICOS	LEVE SUPERIOR	PARQUE ESTADUAL DE TRÊS PICOS	ESTER CAPELA
05/09/2015	TRAVESSIA SERRA FINA	PESADA COM ACAMPAMENTO MÓVEL	SERRA DA MANTIQUEIRA	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
03/10/2015	P. SÃO PEDRO X MIRANTE INFERNO (CIRCUITO) COM RAPEL	-	-	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
14/11/2015	DEDINHOS DO DEDO DE DEUS	CAMINHADA PESADA	PNSO	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
12/12/2015	ALTO MOURÃO	LEVE SUPERIOR	NITERÓI	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR

PREPARE-SE PARA CURTIR A NATUREZA

mochilas • alforjes • mochilas de hidratação • purificador de água • bolsas estanques para máquinas e celulares • bandana multiuso • mosquetões • ferragens para escalada • cadeirinhas • cordas e cordeletes • fitas • kit slackline • capacetes • fogareiro • alimentação liofilizada • repositor hidroeletrólítico em pastilhas • calçados • calças • casacos • meias especiais para caminhada • canivetes • lanternas • cantil • sacos de dormir • barracas

10%
desconto*
para sócios
do CEB



ADVENTURA
explore sua natureza

Avenida Treze de Maio 47, sl. 102, Centro, Rio de Janeiro - RJ
www.adventura.com.br | loja@adventura.com.br | (21) 2524 2208

*Desconto individual, não cumulativo, válido por tempo determinado.